

Cinema e esporte na formação de professores de Educação Física: das experimentações às proposições

RESUMO

O presente estudo objetiva: promover reflexões sobre cinema, educação e a formação de professores de Educação Física; descrever uma possibilidade metodológica de realizar o planejamento para o uso de filmes na disciplina em uma perspectiva dialógica; apresentar um levantamento de filmes que tematizam o esporte como tema gerador. A metodologia de pesquisa descritiva, amparada em experiências pedagógicas realizadas no ensino superior, se estruturou formalmente em um ensaio reflexivo. As ponderações realizadas, a descrição das atividades e instrumentos, bem como o levantamento das obras e a tematização proposta, contribuem na tarefa de pesquisa e ação pedagógica dos professores de Educação Física na Educação Básica que pretendem usar filmes para enfatizar a cultura corporal esportiva, não tendo intenção imperativa, mas sim propositiva.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Educação;
Formação de professores; Esporte

Maria Edivania Alves dos Santos

Doutoranda em Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Sergipe,
Aracaju, SE, Brasil
mariaedivania22@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6850-0472>

Hamílcar Silveira Dantas Junior

Doutor em Educação
Universidade Federal de Sergipe,
Departamento de Educação Física
Aracaju, SE, Brasil
hamilcar72@academico.ufs.br
<https://orcid.org/0000-0002-7676-7019>

Cinema and sport in Physical Education teacher training: from experimentations to propositions

ABSTRACT

The present study aims to: promote reflections on cinema, education and the training of Physical Education teachers; describe a methodological possibility of carrying out planning for the use of films in the discipline from a dialogical perspective; present a survey of films that focus on sport as a generating theme. The descriptive research methodology, supported by pedagogical experiences carried out in higher education, was formally structured in a reflective essay. The reflections carried out, as well as the description of the activities and instruments, the survey of the works and the proposed thematization, contribute to the task of research and pedagogical action of Physical Education teachers in Basic Education who intend to use films to thematize body culture sports, not having an imperative intention, but rather a propositional one.

KEYWORDS: Cinema; Education; Teacher training; Sport

Cine y deporte en la formación del profesorado de Educación Física: de las experimentaciones a las propuestas

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivos: promover reflexiones sobre el cine, la educación y la formación de profesores de Educación Física; describir una posibilidad metodológica de realizar una planificación para el uso de películas en la disciplina desde una perspectiva dialógica; presentar un relevamiento de películas que enfocan el deporte como tema generador. La metodología de investigación descriptiva, sustentada en experiencias pedagógicas realizadas en la educación superior, se estructuró formalmente en un ensayo reflexivo. Las reflexiones realizadas, así como la descripción de las actividades e instrumentos, el levantamiento de los trabajos y la tematización propuesta, contribuyen a la tarea de investigación y acción pedagógica de los profesores de Educación Física de la Educación Básica que pretenden utilizar películas para tematizar el cuerpo. cultura deportiva, no teniendo una intención imperativa, sino proposicional.

PALABRAS-CLAVE: Cine; Educación; Formación de profesores; Deporte

INTRODUÇÃO

Em uma civilização cada vez mais dependente das relações imagéticas, na qual a educação passa por uma crise severa, sendo questionada acerca da eficácia dos professores sob uma égide mercantilista defensora, inclusive, da entrada de Inteligência Artificial no exercício da docência, por que pensarmos uma sintonia entre cinema e educação?

Pensar a relação cinema e educação envolve conjecturar uma educação estética, sensível, crítica e reflexiva. O cinema enquanto artefato cultural pode ser utilizado como ferramenta pedagógica, com a mediação do professor, para potencializar o repertório cultural dos estudantes da educação básica e/ou ensino superior, por meio de experiências concretas de construção de memórias afetivas¹ contribuindo para uma formação humana. Ao intencionar ações que afetem o exercício da alteridade, o educador colabora ativamente para estimular o respeito à diferença, fomentando uma educação consciente (Freire, 2022a). De tal modo que nos propomos provocar uma sociedade das imagens pelo uso subversivo e problematizador das mesmas na formação de nossas crianças e jovens.

Nesse sentido, não pensamos na relação cinema e educação como uma atividade de extensão² – nos moldes de uma educação bancária. Acreditamos em uma educação dialógica-problematizadora e conscientizadora, que compreende o papel indispensável do educador como agente da mudança num trabalho colaborativo com os estudantes/agentes (Freire, 2022b).

Compreendendo o processo educativo como algo dinâmico e temporal, uma formação crítica precisa estar articulada às mudanças de sua época. Percebemos a interferência significativa dos recursos midiáticos “[...] em nossos modos de pensar, sentir e agir no mundo, influenciando inclusive na forma de nos relacionarmos e produzirmos conhecimento” (Araújo; Batista; Oliveira, 2016, p. 7), obrigando a escola a se adequar a um novo público, hoje, imerso em uma cultura digital que se configura pelo uso e acesso a diversas mídias. Dessa maneira, é importante desenvolver programas de formação inicial e continuada que tematizem o perfil profissional do professor, sua relação com a cultura, mídias e tecnologias (Fantin, 2010), evitando que o educador se torne um “exilado no tempo” (Freire, 2022a, p. 35).

¹ Consideramos memórias afetivas as experiências vivenciadas (individual ou coletivamente) (re)lembradas e/ou acessadas, apresentando uma perspectiva positiva e significativa para a formação humana. Com base nisso, um estudo realizado por Rocha *et al.* (2022), os resultados mostram que as viagens realizadas na infância promoveram memórias afetivas nos participantes de sua pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento do gosto de viajar quando adultos. Por isso, consideramos que a experiência estética com filmes também possa promover memórias afetivas.

² Ação de estender o conhecimento opondo-se a uma teoria dialógica da educação (Freire, 2022a).

Paulo Freire considera lastimável para um ser humano não pertencer ao seu tempo, ou seja, ter medo de usar, acessar e criar com as novas tecnologias, em especial, as mídias. Segundo Freire (2022a), é fundamental ao educador ampliar o olhar para o uso das mídias no contexto educacional, pois envolve uma questão política. Os meios de comunicação não são neutros, estão a serviço de alguém e com propósitos específicos, que na maioria das vezes, responde à ideologia de quem está no poder. Dessa forma, ser pertencente ao seu tempo não significa somente ter acesso às mídias, mais que isso, significa ter as condições para saber ler e refletir de forma crítica sobre o que é difundido pelos meios de comunicação.

Por esse prisma, entendemos que a articulação entre o cinema e educação é uma possibilidade de construir experiências fílmicas, a fim de problematizar sobre o exercício do ver (Fischer, 2020, Mezzaroba, 2015). Esse movimento evita alienar os educandos a um tipo de formação baseada em narrações, em sua maioria verbalistas, em que o conteúdo exposto deve ser passivamente recebido, memorizado e reproduzido (Freire, 2022a). Os filmes, assim como os textos escritos, se configuram como base teórica e reflexiva para o processo educativo (Santos; Fantin, 2023).

É central pensar na formação inicial e continuada³ de professores e nas vivências significativas que podem ser construídas com a experiência estética. O cinema, ao longo de mais de 100 anos, nos brindou com as mais diversas formas de se expor narrativas e problematizar a vida por meio de imagens e sons. Da narrativa clássica e linear da indústria *hollywoodiana*, passando pelos choques de ideias para elaboração de sínteses da montagem soviética, às narrativas fragmentárias e possantes da *Nouvelle Vague* francesa, ou mesmo a inquietude da “câmera na mão” do Cinema Novo brasileiro, ou as angústias existenciais do cinema de um Ingmar Bergman, todas essas possibilidades são infinitas na produção de sensações e elaboração de reflexões. Ninguém sai incólume de uma sessão de cinema. Alguma sensação foi provocada e não somos mais os mesmos após aquelas horas de projeção.

Isso posto, enquanto docentes da Educação Física (EF), nos deparamos com o desafio de construir ações educativas significativas para pensar a cultura corporal (esportes, ginásticas, lutas, danças, brincadeiras e jogos etc.), com intuito de contribuir para que o professor se sensibilize a utilizar o filme em suas futuras ações pedagógicas.

³ Pensar a problematização dos usos das artes e do audiovisual na Formação Continuada de professores já tem sido implementada na Universidade Federal de Sergipe, notadamente em cursos de Especialização Lato Sensu, no Mestrado em Educação e de Cinema e Narrativas Sociais (com disciplinas específicas), bem como em cursos e oficinas junto à Secretaria de Educação do Município de Aracaju, capital do estado de Sergipe.

Partindo da argumentação aqui apresentada, selecionamos como problema deste estudo: como podemos pensar possibilidades de uso do cinema nas aulas de Educação Física, e indicarmos, tematizarmos e problematizarmos a prática corporal esportiva? Pensamos ser necessária oportunizar as experiências que provoquem competências para ver, sentir e refletir o cinema, e a partir do cinema. Assim, delimitamos como objetivos: promover reflexões sobre o cinema, educação e a formação de professores de EF; descrever uma possibilidade metodológica de realizar o planejamento para o uso de filmes na disciplina de EF numa perspectiva dialógica; apresentar um levantamento de filmes que tematizem o esporte como tema gerador.

Cinema e esporte são práticas culturais que resultam da modernidade, organizando-se, como destaca Melo (2006), mediante as mudanças culturais, sociais e econômicas de sua época. O cinema e o esporte: “[...] ao mesmo tempo em que expressam representações, princípios, sentidos e significados constantes no século XX, também foram fundamentais na consolidação destes” (Melo, 2006, p. 72). Nesse sentido, Araújo (2012) destaca que, na contemporaneidade, a relação entre cinema e esporte pode determinar a forma como compreendemos o fenômeno esportivo e, conseqüentemente, também altera a forma como nos relacionamos com o esporte.

Nessa perspectiva, ao assistir a um filme que tematize a prática corporal esportiva, estamos diante de uma narrativa que apresenta determinadas concepções sobre o esporte, os praticantes e seus apreciadores. Esse exercício na formação inicial favorece refletir criticamente sobre a cultura corporal esportiva, abrangendo os diferentes contextos históricos, os diversos discursos referentes às modalidades, perfis corporais dos esportistas, estilo de vida, sobre questões relacionadas ao uso de drogas lícitas/ilícitas, preconceito e violência (Santos *et al.*, 2022).

Estabelecemos como percurso dessa reflexão: uma caracterização metodológica das experiências pedagógicas como ensaio reflexivo; a definição das bases teóricas e dialógicas entre cinema e educação, demarcando estratégias metodológicas já experimentadas em nossas intervenções pedagógicas; por fim, a demonstração de usos do audiovisual na formação de professores que demonstram possibilidades fecundas para o desenvolvimento de ações pedagógicas concretas para a educação básica.

METODOLOGIA

Ainda que possamos classificar a descrição de nossas experiências como uma pesquisa descritiva, posto que buscamos tratar dos modos como dispomos o conhecimento (cinema, EF e esporte), para determinado grupo social (licenciandos em Educação Física) com determinada

finalidade (expor uma possibilidade pedagógica de organizar o processo de formação humana), tratamos neste artigo, em sua forma, de um ensaio reflexivo nos moldes de Theodor Adorno (2003). Propomos descrever, respeitando a objetividade do conhecimento científico, nossa experiência para além das amarras terminológicas da descrição objetiva. Nossa experiência está temperada por nossas reflexões, inquietações e perspectivas de um vir-a-ser possível construído na atividade docente.

Isto posto, do ponto de vista metodológico, seguimos a indicação de Ferri (2011), na qual este ensaio se propõe a apresentar: tema com clareza objetiva, descrição empírica das ações, reflexividade na produção teórica e originalidade propositiva para intervenção pedagógica dos professores do Educação Física.

CINEMA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De acordo com Duarte e Alegria (2008, p. 62), “[...] quando o cinematógrafo chega ao Brasil, em 1895⁴, a imagem já era considerada como um importante auxiliar do ensino”. As primeiras alusões ao uso do cinematógrafo em sala de aula no Brasil são de Jonathas Serrano (1912 e 1917) e Venerando da Graça (1916 e 1918). Somente em 1932, o cinema é reconhecido como um influente instrumento para a educação, quando os distribuidores de filmes são beneficiados com o Decreto n.º 21.240, no governo de Getúlio Vargas, que isentava de impostos a importação de filmes educativos. Assim, o Decreto estabelece importância, aceitação social do filme e identifica o cinema como um recurso de comunicação na educação formal, destacando a possibilidade de interferir no conteúdo dos filmes⁵ (Duarte; Alegria, 2008).

Apesar do Governo Vargas estabelecer vínculos legais entre cinema e educação nas escolas brasileiras, suas intenções são de aliciamento e controle político da população. O papel do filme seria fomentar o “amor ao Brasil” e projetar o modelo ideal de brasileiro(a). Sua importância estaria na capacidade de atingir a população com um todo, especialmente as massas analfabetas. Essa configuração do uso do filme na educação é entendida por Duarte e Alegria (2008, p. 69), “[...] como ‘uso instrumental’ da exibição de filmes voltada exclusivamente para o ensino de conteúdos curriculares, sem considerar a dimensão estética da obra, seu valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do cinema”.

⁴ Destacam os autores que a experiência pioneira ao pensar a utilização educativa do filme, surge com Roquete-Pinto, em 1910, com uma filmoteca no Museu Nacional.

⁵ A censura, inicialmente, era atribuição da polícia local, influenciada pelos opressores da comunidade. Posteriormente, essa função foi atribuída ao Ministério da Educação e Saúde Pública (Duarte; Alegria, 2008).

Duarte (2002) compreende que o filme não pode ser visto apenas como um meio, ele é uma obra de arte e pode ser pensado como uma importante instância pedagógica. Com isso, o papel da escola seria oferecer filmes variados e desenvolver a competência para ver a película, ou seja, conhecer seus sistemas significadores, utilizados para estruturar sua linguagem (câmera, iluminação, som, montagem/edição etc.). A competência para ver/ler o audiovisual é produto de um esquema complexo que envolve a articulação de experiências de vida (saberes e informações adquiridos) e a experiência fílmica para ressignificar as imagens em movimento.

Saber ver/ler os artefatos culturais (cinema), torna-se imperativo no atual contexto social cerceado por discursos de ódio e *Fake News*. As convenções⁶ cinematográficas são resultado das inter-relações que envolvem cinema/sociedade, o que está sendo visto na tela, dado muitas vezes como algo natural esteticamente, como por exemplo, o bandido e/ou assassino negro. A repetição constante das convenções difunde o modelo “ideal” de sujeito e dificulta o surgimento de outras formas de representação, mais plurais e democráticas (Duarte, 2002).

Almeida (2017), ao estudar a relação cinema e educação, também critica a apropriação reduzida do filme a um instrumento pedagógico para fins de explanação do conteúdo. Destaca três tipos de abordagem que relacionam o uso do cinema na educação: as mais conservadoras, fazem o uso pedagógico do cinema, principalmente enquanto ferramenta ou meio para alcançar um objetivo, por exemplo para trabalhar o conteúdo proposto pela disciplina; a perspectiva ampla, que considera o cinema como uma obra de arte que, ao ser apreciada pelo espectador, revela realidades e produz sentidos, como, usar filmes numa dimensão existencial estimulando uma reflexão de si, a ver o outro (personagens) e a se ver como se fôssemos outro; as que estão entre os dois polos, transitam entre o uso como ferramenta, enquanto criação artística e estimulam a produção de filmes pelos alunos.

Na abordagem ampla podemos destacar os trabalhos de Fischer (2009, 2020) sobre a formação docente, ao propor pensar o presente por meio do cinema através de “pedagogias do olhar” (Marcello; Fischer, 2011), nas quais, com a mediação do educador, é possível operar com o cinema/filme como fontes de educação do olhar e de transformação ética de si mesmo.

Distanciando-se de uma prática educativa limitada ao uso ilustrativo do filme, Almeida (2017) propõe sete fundamentos educativos para pensar a relação cinema e educação (Quadro 1).

⁶ Termo comumente acionado para identificar formas padrão da linguagem.

Quadro 1 — Fundamentos educativos do cinema

PERSPECTIVAS	Cognitivo	O espectador não passivo, a história do filme só se constrói por meio de sua atividade cognitiva (processo psicológico dinâmico)
	Filosófico	O cinema é criação de novas ideias para estimular o pensamento com seus dilemas diegeticamente “reais”
	Estético	Ao disseminar sonhos, incutir desejos e fabricar sensações, o cinema educa para o intelecto (fundamentos cognitivos e filosóficos) e para a sensibilidade
	Mítico	O cinema permite apresentar grandes figuras da humanidade em ação vivenciando seus conflitos (coragem, justiça, paixão, traição etc.), para propor uma mitologia moral
	Existencial	O cinema permite uma reflexão de si, a ver o outro e a se ver como se fôssemos outro
	Antropológico	O cinema é um faz de conta que dissemina imaginários
	Poético	O cinema fabrica estados poéticos que nos arrebatam por seu gesto, estilo ou forma. A emoção do contato com a obra é resultado da criação do cineasta

Fonte: Elaborado a partir de Almeida (2017).

O Quadro 1 apresenta de forma sintética os modos de relacionar cinema e educação. Assistir a um filme pode nos fazer transitar entre os sete fundamentos, na medida em que não são dimensões separáveis, pois se inter-relacionam e se completam para contribuir com a compreensão dos modos como são produzidos, circulados, interpretados e recebidos os sentidos e as imagens do cinema. Dessa forma, a escola é um ambiente para acesso, valorização da fruição e, principalmente, ambiente para ensinar a ler a linguagem cinematográfica.

Diante disso, também é possível pensar a relação cinema e educação a partir da perspectiva mídia-educativa. A mídia-educação reafirma o espaço escolar como lugar de socialização, da diversidade, de pessoas, saberes que (re)produzem e (re)criam arte, cultura e conhecimentos. Falar em cidadania é pensar em democratizar as mídias para assegurar o trabalho das dimensões crítico-reflexiva (educar sobre/para os meios), metodológica-instrumental (educar com os meios) e expressivo-produtivas (educar através dos meios), garantindo uma participação ético e estética responsável do compartilhamento e produção de saberes e conteúdos referentes ao uso das mídias – uma vez que elas também podem ser utilizadas de forma discriminatória e acrítica (Fantin, 2006; Mezzaroba, 2015).

De acordo com Fantin (2006), o cinema ganha potência no contexto educacional com a mediação do professor ao possibilitar tratar das condições humanas, das resistências, das metáforas e dos deslocamentos. A experiência compartilhada e a escuta auxiliam na tomada de decisão, ajudando-nos a olhar para nós mesmos (cuidado de si) e para o outro.

Apesar dos esforços de alguns pesquisadores e professores para pensar a relação cinema e educação, o que se percebe é o quanto o filme ainda assume um papel secundário no contexto

educacional, reduzido a instrumento e/ou meio para abordar os conteúdos escolares (Almeida, 2017; Dantas Junior, 2012; França; Dantas Junior, 2019). De acordo com Duarte e Alegria (2008), resulta ainda de sua gênese na educação brasileira. Nessa conjectura, observamos necessidade de pensar o uso de filmes na formação inicial e continuada de professores, promovendo vivências estéticas afetivas para agregar memórias positivas e significativas e estimular o desejo de educar com as mídias, em especial o cinema.

No campo da EF, a relação cinema e educação ganha destaque ao possibilitar promover experiências educativas com as imagens e refletir sobre os mais variados temas relacionados à cultura corporal, tanto na educação básica (Tinôco, 2016; França; Dantas Junior, 2019), quanto no ensino superior (Santos *et al.*, 2022). Observa-se que as ações desenvolvidas pelos autores, foram planejadas e pensadas a partir de uma perspectiva estética, sensível, crítica e reflexiva de educação comprometidas com o conteúdo da disciplina e com uma formação consciente.

Tinôco (2016) considera que a EF, ao estabelecer um diálogo crítico reflexivo com o cinema e as mídias em geral, contribui para que os estudantes consigam decodificar as mensagens, os discursos e as ideias veiculadas pelos meios de comunicação. O autor apresenta uma possibilidade de uso do cinema no espaço escolar para auxiliar os professores no planejamento de uma proposta didático-pedagógica a partir da perspectiva mídia-educativa.

Já os trabalhos de França e Dantas Júnior (2019) e Santos *et al.* (2022) utilizam em suas propostas didático-pedagógicas uma perspectiva freiriana de educação dialógica como referência para construir formas de trato pedagógico com o cinema na EF. Com o objetivo de tematizar e problematizar a prática corporal esportiva e suas conexões sociais, culturais e históricas, os autores seguem as etapas propostas por Dantas Junior (2012), que envolvem ações de planejamento e desenvolvimento das aulas. Inspirado em Napolitano (2003), Dantas Junior (2012) utiliza o roteiro de comentários cinematográficos, importante instrumento para auxiliar o professor no processo de planejamento e condução da aula, afirmação realizada por estudante de graduação que utilizaram o roteiro em suas atividades formativas (Santos *et al.*, 2022).

As perspectivas apresentadas no parágrafo anterior, pensam o esporte por meio do cinema com intuito de enfatizar os aspectos políticos e estéticos que disseminam um ideal de esporte e esportista, amplia a compreensão do conteúdo e o olhar dos estudantes para as questões sociais, históricas e culturais, tendo como referência os trabalhos de Dantas Junior (2012). A partir disso, o próximo tópico propõe descrever uma possibilidade metodológica de realizar o planejamento para o uso de filmes na disciplina de EF numa perspectiva dialógica. Essa proposta pretende auxiliar estudantes da graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores que se interessam pelo uso do cinema nas aulas de EF.

CINEMA E ESPORTE: POSSIBILIDADE METODOLÓGICA

Os esforços iniciais para ampliar a formação de professores de EF, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em diálogo com o cinema como arte datam de mais de uma década em experiências de ensino (disciplinas da Licenciatura), de pesquisa (iniciação científica, monografias e dissertações) e de extensão (eventos, cursos e cineclubes). Entretanto, este ensaio acadêmico se ampara na experiência realizada, em parceria da Licenciatura em EF e o Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS).

A experimentação se deu no âmbito da disciplina de graduação “Tópicos Especiais em Educação Física”, de conteúdo aberto a novos desafios pedagógicos, na qual propusemos o uso de filmes. Partimos do pressuposto que a arte cinematográfica, no contexto educacional, pode promover uma educação dialógica, sensível, reflexiva e crítica.

Como descrito no tópico anterior, o planejamento e desenvolvimento das aulas com o uso de filmes necessitam ser delineados antes de sua execução (Quadro 2). Nas ações de planejamento estão as seguintes etapas: 1) levantamento e categorização dos filmes relacionados à temática; 2) pesquisa sobre o filme (elementos informativos: título, ficha técnica, gênero, sinopse, personagens centrais, biografia e filmografia do diretor); 3) diagnóstico da cultura cinematográfica dos alunos (se já foram ao cinema, com qual frequência assistem a filmes, qual meio utilizado para assistir filmes, qual gênero mais acessado etc.); 4) fruição da obra (apreciação do filme pelo professor); 5) análise pedagógica do filme e planejamento das ações (delineamentos pedagógicos) (Quadro 2).

Quadro 2 — Sugestão de etapas para o processo de planejamento das aulas com filmes

Etapas	Procedimentos/instrumentos
1- Levantamento	As buscas podem ser realizadas em <i>blogs</i> e <i>sites</i> especializados em aglutinar filmes por categorias (lista de 10 ⁷ , <i>filmow</i> ⁸ , <i>adorocinema</i> ⁹ , <i>IMDb</i> ¹⁰ etc.), plataformas de <i>streaming</i> (HBO Max, Globoplay, Prime Video, Disney+, Netflix etc.).
2 - Pesquisa sobre os filmes	Preenchimento da primeira parte do roteiro de comentários cinematográfico: “I - Elementos Informativos” *.
3- Diagnóstico da cultura cinematográfica dos alunos	Questionário diagnóstico impresso ou <i>online</i> (<i>Google Forms</i>).
4 - Fruição da obra	Escolher um local em que o espectador possa se dedicar exclusivamente, temporariamente, à apreciação da obra, situação mais

⁷ Disponível em: <https://lista10.org/>. Acesso em: 10 maio 2024.

⁸ Disponível em: <https://filmow.com/>. Acesso em: 10 maio 2024.

⁹ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-140956/>. Acesso em: 10 maio 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://www.imdb.com/>. Acesso em: 10 maio 2024.

	favorável para afetação.	
5 - A análise pedagógica do filme e planejamento das ações	Segunda parte do roteiro de comentários cinematográficos: “II – Delineamentos Pedagógicos”.	
6 - Desenvolvimento da aula	1 – Apresentação da obra	Explanação das informações gerais da obra com apoio dos elementos informativos do roteiro
	2 – Fruição	Apreciação da obra
	3 – Tematização e problematização	Discussão junto a turma, com apoio dos delineamentos pedagógicos do roteiro. Pode ser realizado, por exemplo, por meio de roda de conversa.
	4 – Sugestões de atividades para os estudantes	Construção de roteiro de comentários cinematográficos pelos alunos; aplicar questionários; elaboração de textos de impressão geral: resumos, crônicas, poesias ou prosas; produção de vídeo-minuto.

*O roteiro será apresentado no Quadro 3.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Postas as etapas no Quadro 2, apresentamos algumas informações referentes a cada momento. Na primeira, referente ao levantamento, a seleção do filme deve considerar os seguintes critérios de inclusão:

A escolha dos filmes deve: contemplar a articulação entre os componentes curriculares que dialogarão em cada sessão; ressaltar competências e habilidades que deverão ser adquiridas após a exibição e debates dos filmes, bem como ter clareza dos conceitos a serem trabalhados com os alunos e seu vínculo às unidades temáticas planejadas ao longo do ano; adequar-se à faixa etária e nível de escolaridade dos alunos, sobretudo quanto ao nível cultural dos mesmos no que tange ao cinema (Dantas Junior, 2012, p.71)

Após realizar a triagem das obras, é recomendável uma pesquisa mais aprofundada dos filmes, utilizando como suporte o roteiro de comentários cinematográficos (Quadro 3). Um instrumento de apoio pedagógico que contribui para além do planejamento, auxiliando o educador no desenvolvimento das aulas¹¹.

Quadro 3 – Modelo de roteiro de Comentários Cinematográficos

Roteiro de Comentários Cinematográficos	
I – Elementos Informativos:	
1.	Título do Filme: versão em português (original)
2.	Ficha Técnica do Filme: conforme normas da ABNT n.º 6023/2002.
3.	Gênero e Temática: limitar aos metagêneros (drama, aventura, comédia, suspense); definir o eixo central da história.
4.	Sinopse da história: síntese do enredo do filme

¹¹ Os roteiros foram elaborados para as disciplinas da graduação e foi publicado no artigo de Dantas Junior (2012).

5. Personagens centrais e função na história: Quem são? Qual a relevância na história?
6. Biografia e filmografia do Diretor: síntese da contribuição do diretor ao avanço da sétima arte
II – Delineamentos Pedagógicos:
1. Faixa etária e nível de escolarização: idade dos alunos e série/ciclo indicada
2. Temática: Objeto da exposição do filme (qual a temática que se quer abordar pedagogicamente?)
3. Restrições: elementos a serem tratados com cuidado com aquela faixa etária
4. Conjunto de questões a observar: tópicos ou questões do filme que se pretende destacar como nexos aos objetivos da disciplina, ao conteúdo programático trabalhado e à formação dos educandos
5. Outros Elementos de destaque: observações enriquecedoras à análise do filme (bilheteria, prêmios, polêmicas) e/ou que despertem novos diálogos com outras artes (fotografia, trilha sonora, literatura, figurinos etc.)
Assinatura do professor(a):

Fonte: Dantas Junior (2012).

Dantas Junior (2012) explica como deve ser realizado o preenchimento do roteiro, explana ainda sobre os ciclos de seriação (ano), faz menções de temáticas e filmes. De acordo com suas considerações, na construção de roteiros de comentários cinematográficos é necessário:

[...] uma fase de pesquisa que busque as origens do filme-tema e suas intenções, as contribuições do diretor ao cinema e ao tema, bem como dos atores envolvidos com a produção; uma fase de primeira assistência que envolva uma reconstituição da história, uma delimitação da função dos personagens na trama e das mensagens expressas como conceitos, valores e ideias no filme; uma fase de segunda assistência que envolva aprofundamento em características técnicas relevantes nos filmes (trilha sonora, fotografia, cenários, roteiro) (Dantas Junior, 2012, p. 75-76).

Seguindo com as informações referentes ao roteiro, adiantamos as reflexões sobre a etapa 5, imprescindível para o desenvolvimento da aula, pois apresenta informações relevantes para a ação educativa. No delineamento pedagógico, levamos em consideração a faixa etária e nível de escolarização, temática, restrições, conjunto de questões a observar e outros elementos de destaque. Observações que serão pontuadas após a fase 4, referente à fruição da obra.

Na fase de fruição da obra recomendamos que o(a) professor(a) siga as recomendações propostas por Gomes (2004) para a análise fílmica. A “Poética do Cinema” apreende o filme como uma programação criadora de efeitos, tendo o(a) analista, professor(a)/pesquisador(a), como atividade fundamental transitar entre a fruição do texto fílmico, valorizando a experiência que a obra proporciona no espectador, para em um outro momento compreender como os elementos¹² dispostos pelo(a) cineasta foram capazes de criar/acionar tais efeitos.

¹² Profundidade de campo, iluminação, sonoridade etc.

Dessa forma, essa dinâmica propõe que, em um primeiro momento, o educador realize a apreciação da obra disposto a permitir a afetação provocada pelos efeitos da experiência (sentimentos, sensações e sentidos), para a partir dos efeitos compreender a estratégia, meios utilizados para construí-los¹³, a fase de análise propriamente dita. A fase de análise do filme requer embasamento teórico que ajude o(a) professor(a) a ver, ler e compreender a linguagem fílmica, aspectos dificilmente acionados na formação de educadores da EF, salvo disciplinas que tenham objetivos específicos de trabalho com as mídias¹⁴.

Não estamos dizendo com isso que o(a) professor(a) precisa realizar uma análise completa da obra. Nem ficar preso aos elementos fílmicos; estamos sugerindo que ele pode ajudar os alunos a ver e ler algumas passagens da obra e compreender que aquela sensação, sentimento e sentido foram pensadas previamente e destinadas com objetivos específicos. Em seguida, deve ser realizada uma análise crítica da narrativa e seus desdobramentos sobre questões éticas, políticas, sociais, culturais, históricas etc. Por exemplo, será praticamente impossível assistir ao filme “Raça” (Race)¹⁵, dirigido por Stephen Hopkins (2016), sem ser afetado emocionalmente. Uma das classificações do gênero é o drama, ou seja, o cineasta acionou um conjunto de elementos causadores de impacto emocional ao retratar um contexto histórico de violência social.

Nessa conjectura, a fase de análise no contexto educacional pode focar em observações mais gerais da narrativa e suas conexões socioculturais e históricas, não necessariamente em decodificar os efeitos da apreciação. Sobre o diagnóstico da cultura cinematográfica dos alunos (etapa 3), destacamos ser relevante compreender os gostos dos estudantes sobre as obras e as formas como as acessam para entender um pouco da cultura midiática e realizar o planejamento.

Na etapa 6, quanto ao desenvolvimento da aula, destacamos ser imprescindível apresentar a obra que será trabalhada. Esse exercício permite que o(a) aluno(a) comece a dar atenção a informações, muitas vezes, desprezadas no ato de assistir a um filme. Geralmente não lemos um livro sem antes saber quem escreveu, sem ler seu título, resumo. Assim, ao compreender o filme como obra artística, é importante dar valor a sua produção e seu criador.

Ao apresentar a sinopse, tentar não dar *spoiler* do filme, oferecer um resumo sucinto do tema geral. Procurar construir um espaço favorável para a apreciação, mesmo não dispondo de muitos recursos. O(a) professor(a) pode introduzir a temática a partir de perguntas norteadoras ou

¹³ Essa perspectiva se aproxima da competência para ver/ler o audiovisual proposta por Duarte (2002), pois exige a descrição/desconstrução da cena.

¹⁴ Como as disciplinas “Tópicos Especiais em Educação Física” e “Educação Física, Esportes e Mídia” ofertadas na UFS.

¹⁵ Conta a história de Jesse Owens, atleta negro estadunidense que ganhou quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, superando corredores alemães em pleno regime nazista de Adolf Hitler.

permitir que os estudantes expressem suas afetações e problematizar relatos, depoimentos e observações que reverberam nas questões sociais propiciando um olhar crítico e reflexivo da sua realidade. Sugerimos que as atividades para os(as) estudantes estimulem a criação e produção (Quadro 2), valorizando suas observações, criatividade e reflexões.

Para ajudar o(a) professor(a)/pesquisador(a) na tarefa de levantamento e categorização dos filmes, apresentamos um levantamento de películas que abordam o cinema e o esporte no próximo tópico.

ESPORTE E CINEMA: UM LEVANTAMENTO TEMÁTICO

Os filmes aqui apresentados são resultado de um levantamento longitudinal em pesquisas do Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior, para construção do planejamento da disciplina “Tópicos Especiais em Educação Física”, no Departamento de Educação Física da UFS. Os filmes foram organizados levando em consideração a temática geral cinema, educação e esporte, em seguida categorizados com base em subtemas que se desdobram nas narrativas, expostos no Quadro 4.

Quadro 4 — Levantamento dos filmes

Temática	Filmes
1ª sessão: Cinema, educação e esporte: formação e valores na cultura infantil	<i>Se meu Fusca falasse</i> (Robert Stevenson, 1968); <i>O corcel negro</i> (Carroll Ballard, 1979); <i>Se brincar o bicho morde</i> (David Mickey Evans, 1993); <i>Menino Maluquinho – o filme</i> (Hervé Ratton, 1994); <i>Space Jam</i> (Joe Pytka, 1997); <i>As bicicletas de Belleville</i> (Sylvain Chomet, 2003); <i>Deu Zebra!</i> (Frederic Du Chau, 2005); <i>Herbie – meu fusca turbinado</i> (Angela Robinson, 2005); <i>Carros</i> (John Lasseter, 2006); <i>Tá dando onda!</i> (Ash Brannon e Chris Buck, 2007); <i>Speed Racer</i> (Lilly e Lana Wachowski, 2008); <i>Turbo</i> (David Soren, 2013); <i>Um time show de bola</i> (Juan José Campanella, 2013); <i>O homem das cavernas</i> (Nick Park, 2018).
2ª sessão: Cinema, educação e Esporte – disciplina e o discurso da superação	<i>Rocky, um lutador</i> (John Avildsen, 1976); <i>Momentos decisivos</i> (David Anspaugh, 1986); <i>Rudy</i> (David Anspaugh, 1993); <i>Duelo de titãs</i> (Boaz Yakim, 2000); <i>Hardball, o jogo da vida</i> (Brian Robbins, 2001); <i>Seabiscuit – alma de herói</i> (Gary Ross, 2003); <i>Coach Carter, treino para a vida</i> (Thomas Carter, 2005); <i>A luta pela esperança</i> (Ron Howard, 2005); <i>Desafiando gigantes</i> (Alex Kendrick, 2006); <i>Poder além da vida</i> (Victor Salva, 2006); <i>Pride: orgulho de uma nação</i> (Sunu Gonera, 2007); <i>A onda</i> (Dennis Gansel, 2008); <i>Um sonho possível</i> (John Lee Hancock, 2009).
3ª Sessão: Cinema, educação e Esporte – Identidade cultural e racismo	<i>Asa Branca, um sonho brasileiro</i> (Djalma Limongi Batista, 1981); <i>Carruagens de fogo</i> (Hugh Hudson, 1981); <i>Campo dos sonhos</i> (Phil Alden Robinson, 1989); <i>Código de honra</i> (Robert Mandel, 1992); <i>Jamaica abaixo de zero</i> (Jon Turteltaub, 1993); <i>Boleiros - era uma vez o futebol</i> (Ugo Giorgetti, 1998); <i>O casamento de Romeu e Julieta</i> (Bruno Barreto, 2005); <i>Os reis de Dogtown</i> (Catherine Hardwicke, 2005); <i>A bola da vez</i> (Paul Weiland, 2006); <i>O caminho de San Diego</i> (Carlos Sorín, 2006); <i>Meninos de kichute</i> (Luca Amberg, 2009); <i>Arremesso de ouro</i> (Craig Gillespie, 2014); <i>Raça</i> (Stephen Hopkins, 2016); <i>O ódio que você semeia</i> (George Tilman Jr., 2018).

4ª sessão: Cinema, educação e Esporte – Idolatria, decadência, euforia e desespero	<i>Diário de um adolescente</i> (Scott Kalvert, 1995); <i>Meu nome é Joe</i> (Ken Loach, 1998); <i>À procura de Eric</i> (Ken Loach, 2000); <i>Garrincha, a estrela solitária</i> (Milton Alencar, 2003); <i>O vencedor</i> (David O. Russell, 2010); <i>Heleno</i> (José Henrique Fonseca, 2012).
5ª sessão: Cinema, educação e Esporte – Identidade de gênero e orientação sexual	<i>Onda nova</i> (José Antônio Garcia e Ícaro Martins, 1983); <i>Uma gatinha boa de bola</i> (Michael Ritchie, 1986); <i>Uma equipe muito especial</i> (Penny Marshall, 1992); <i>Eddie – ninguém segura essa mulher</i> (Steve Rash, 1996); <i>Nunca fui santa</i> (Jamie Babbit, 1999); <i>As damas de ferro</i> (Yonkyooth Thongkonthun, 2000); <i>Guerra dos sexos</i> (Jane Anderson, 2001); <i>Driblando o destino</i> (Gurinder Chadha, 2002); <i>Juwanna Man</i> (Jesse Vaughan, 2002); <i>Fora de jogo</i> (Jafar Panahi, 2006); <i>Ela é o cara</i> (Andy Fickman, 2006); <i>Garota boa de bola</i> (Norm Hunter, 2007); <i>Gracie</i> (Davis Guggenheim, 2007); <i>Lírios d'água</i> (Céline Sciamma, 2006); <i>Tomboy</i> (Céline Sciamma, 2011); <i>De volta às quadras</i> (Susan Seidelman, 2013); <i>Mary Kom</i> (Omung Kumar, 2013); <i>A guerra dos sexos</i> (Jonathan Dayton e Valerie Faris, 2017).

Fonte: Elaborado com base na disciplina “Tópicos Especiais em Educação”, ministrada pelo Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior (2022).

O resultado do levantamento, apresentado neste quadro, sinaliza uma variedade de gêneros fílmicos que podem ser trabalhados em diferentes contextos educativos, levando em consideração as características já mencionadas no preenchimento do roteiro de comentários cinematográficos, como a faixa etária e temática¹⁶. Vale destacar que, apesar dos filmes apresentarem aspectos relevantes para a discussão de certos temas, inserindo-os em uma determinada categoria, não significa que não poderiam ser incluídos em outras. Como exemplo, poderíamos destacar o filme “Tá dando onda!” (Ash Brannon e Chris Buck, 2007) inserido na categoria “formação e valores na cultura infantil”. Sua narrativa também nos permite inseri-lo na categoria “idolatria, decadência, euforia e desespero”, partindo dos dilemas apresentados à lenda da personagem Big Z¹⁷ ou na categoria “disciplina e o discurso da superação” ao demonstrar como o jovem Cadu¹⁸ necessita superar os preconceitos sociais sobre o estilo de vida do surfista para se tornar um atleta (Dantas Junior *et al.*, 2023).

Torna-se imperativo compreender que todo filme é pensado para o público e tem endereço certo para chegar a este público. Segundo Ellsworth (2001),

¹⁶ Optamos por incluir exclusivamente filmes de ficção (ainda que alguns “baseados em fatos reais”). Essa decisão parte da crítica que fazemos a certa leitura de senso comum que compreende os “documentários” como análises verídicas da realidade, como se não fossem leituras particulares dos(as) cineastas/produtores. Por isso, pensamos que não induzir os(as) alunos(as) a essa leitura equivocada do gênero fílmico. De igual modo, identificamos uma maior adesão dos(as) estudantes aos filmes de narrativas clássicas ficcionais.

¹⁷ Surfista sempre lembrado por seus feitos. A narrativa apresenta sua idolatria e decadência.

¹⁸ Protagonista do filme.

[...] para que um filme funcione para determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na “realidade” do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final –a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme (Ellsworth, 2001, p. 14).

Com relação às categorias apresentadas, destacamos a importância dos temas, tanto para a discussão das práticas corporais esportivas quanto para a formação humana de estudantes em seus diferentes níveis de formação. A “formação e valores na cultura infantil”, busca demonstrar a importância da prática esportiva em aspectos sociais e subjetivos. Um estudo realizado por Sanches e Rubio (2011) com atletas demonstra como os participantes relataram que os esportes contribuíram para o desenvolvimento de valores (cooperação, amizade, solidariedade e a capacidade de compartilhar e de superar adversidades). Desse modo, essas características também podem ser observadas nas películas e dialogadas em sala de aula após a fruição de filmes.

Os filmes voltados ao público infantil têm uma característica marcante de enfatizar valores como companheirismo, lealdade, bravura, fidelidade, respeito e observância aos ensinamentos de um “mestre”. Isso posto, essa fase da vida escolar não pode ser vista apenas como um momento de recepção acrítica de mensagens. O cinema, com a mediação docente, pode estimular as crianças a perceberem contradições postas nos discursos, nas ações, nas músicas, na imagem caricatural das personagens. É preciso identificar o endereçamento, mediá-lo e subvertê-lo, caso necessário. Os textos presentes na obra organizada por Steinberg e Kincheloe (2001) revelam as complexidades de um mundo infantil cada vez mais bombardeado por propagandas, filmes, *games* (o que podemos ampliar com as redes sociais) gerando infâncias isoladas, fragmentadas, nas quais a escola deve ser um espaço, por meio de uma pedagogia cultural crítica, fecundo à sua problematização e repensar da formação para o futuro.

“Disciplina e o discurso da superação” não pode prescindir de levar em consideração fatores sociais como renda, moradia, educação, saúde, saneamento, segurança pública, espaços de lazer etc., desconstruindo um discurso ingênuo de que todos são iguais e basta lutar por seus objetivos. Não obstante, o imaginário coletivo acerca do esporte contemporâneo transita por duas esferas limitantes, conforme assevera Rubio (2006): uma que o enxerga como fator de inclusão social para todos que “se dedicam” arduamente; e uma abordagem essencialista do esporte que o percebe como uma prática pura, a “essência do espírito de superação dos limites” (Rubio, 2006, p. 88). Essas perspectivas são absorvidas, de maneira geralmente glorificada, pela indústria cinematográfica.

Historicamente, a indústria *hollywoodiana* propaga o *American Way of Life* como a ideologia ideal: a terra das oportunidades, terra do mérito e dos vencedores pelo próprio esforço. As

inúmeras sequências da série de filmes “Rocky”, com Sylvester Stallone é o modelo essencial. Um jovem boxeador sem talentos, desacreditado, mas que, pela força do amor de sua companheira, pelo incentivo de seus vizinhos e sua força de vontade, treina alguns meses para superar o campeão mundial dos pesos pesados no ringue. A trilha musical de Bill Conti se tornou um ícone da luta, da corrida e da superação do jovem Rocky Balboa. A materialização dos Estados Unidos como a terra das oportunidades para os que acreditam, se empenham, lutam e vencem!

De modo a problematizar essas abordagens, Silva e Rubio (2003) entendem que é fundamental a mediação pedagógica (que deveria se fazer presente também no treinamento desportivo e na abordagem midiática) que permitam a apreensão as contradições que envolvem a prática esportiva de alto rendimento, tanto por atletas, dirigentes e público em geral: “Numa época onde a valorização dos resultados sufoca os seres humanos, a aceitação de limites individuais é a maior prova de superação que um indivíduo pode proporcionar a si próprio” (Silva e Rubio, 2003, p. 75).

Diante de uma cultura de redes sociais cada vez mais ocupadas com *coachs* e seus discursos de superação pelo empreendedorismo, assim como a inundação das histórias de craques dos diversos esportes que se tornam milionários, habita o imaginário de nossas crianças e jovens. Problematizar o discurso da superação é imperativo e se alia ao interrogar a categoria de “idolatria, decadência, euforia e desespero”. Se tal categoria pode, entre tantas outras possibilidades, desnudar a realidade na vida de alguns atletas, deve demonstrar como o ambiente esportivo nem sempre é um espaço acolhedor, puro e protegido dos problemas sociais. Tal espaço e a formação de jovens atletas sofrem a influência externa dos meios de comunicação e do esporte enquanto mercadoria, que precisa comercializar, a qualquer custo, tudo em seu entorno: produtos descartáveis, produtos duráveis, principalmente corpos produzidos para o descarte.

“Identidade Cultural e Racismo” são temas urgentes no atual cenário mundial. Não é possível falar sobre as violências verificadas nas obras cinematográficas sem estabelecer um paralelo com o atual contexto histórico ampliado de ascensão de discursos xenófobos, racistas e mesmo eugenistas. No nosso âmbito mais específico, nas constantes lutas de atletas contra o preconceito, discriminação e violência recorrente e permanente, praticadas por apreciadores e profissionais (jornalistas, atletas, comissão técnica, entre outros). O caso que mais nos chama atenção atualmente é do jogador Vinícius Jr., atacante do Real Madrid e da seleção brasileira, que constantemente é alvo de insultos racistas na Espanha e, apesar de denunciá-los, não percebemos uma posição eficiente e contundente dos órgãos competentes, mesmo com a tecnologia para registrar e comprovar tais atos.

Nesse sentido, Grada Kilomba (2019) destaca que o racismo é uma realidade violenta e a experiência do racismo é negligenciada pela sociedade e comunidade científica. Só se torna temática emergente quando incomoda a normalidade do sujeito branco que se dispõe a analisar as estruturas e os agressores, deixando de lado a experiência de violência do sujeito negro. Nessa conjectura, retiram o *status* de sujeito da pessoa negra em nível político, social e individual (Kilomba, 2019). Essas e outras questões precisam ser problematizadas na escola, possibilitando dar lugar de fala às vozes dos estigmatizados e oprimidos para uma educação que priorize a dignidade humana.

“Identidade de gênero e orientação sexual” também são questões centrais nas práticas esportivas cercadas de desigualdades, preconceitos e discriminação. De acordo com Souza Júnior (2020, p. 47): “[...] o conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, tem em sua gênese e espriamento a condição de se configurar como ferramenta de validação e legitimação de uma forma de masculinidade hegemônica, heteronormatizada e cisnormatizada”. Assim, é necessário pensar em uma perspectiva contra-hegemônica, vislumbrando superação “[...] da condição de agência generificada e generificadora assumida pelo campo esportivo” (Souza Júnior, 2020, p. 48) por meio de uma prática empoderadora do questionamento das desigualdades de gênero, nos esportes, para meninas e meninos desviantes da norma social.

Faz-se necessário pensar que estamos na emergência de uma pedagogia da sexualidade que considere a multiplicidade de gêneros e orientações sexuais existentes, o que na compreensão de Louro (2000), perpassa por compreender como construímos os corpos de nossas crianças e jovens na sua formação:

[...] investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação (Louro, 2000, p. 8-9).

Esses corpos habitam nossas escolas. Esses corpos são afetados por uma pedagogia patriarcal, misógina e homofóbica que se alastra pelas propagandas, redes sociais, programas televisivos, filmes e outras manifestações culturais. São esses corpos que demandam nossa atenção, nossos esforços por proporcionar liberdade de pensar, se expressar, viver e se formar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente escolar, local de encontro das diferenças, tem o papel político de estimular uma formação humana para o exercício da alteridade. O fenômeno esportivo cerceado por questões culturais, sociais, econômicas, históricas e midiáticas pode contribuir para disseminar discursos preconceituosos, discriminatórios e violentos. Nesse sentido, é papel de um dos agentes de mudança, o(a) professor(a) de EF, buscar um esforço político-pedagógico para uma educação estética, sensível, crítica e reflexiva dos estudantes.

O cinema se configura como uma possibilidade de construção de experiências fecundas para tematizar e problematizar o fenômeno esportivo por meio de uma educação dialógica. Pensando nisso, apresentamos aqui possibilidades de planejamento das aulas por meio do roteiro de comentário cinematográfico, valorizando películas como obras de arte que serão apreciadas. Além disso, disponibilizamos um levantamento de filmes categorizados por temáticas com intuito de contribuir com o esforço de pesquisa dos professores que pretendem usar filmes com base nas temáticas que envolvem as práticas corporais esportivas não tendo intenção imperativa.

À guisa de conclusão, posta nossa problemática inicial acerca das possibilidades de uso do cinema nas aulas de Educação Física, entendemos que as experiências relatadas, assim como as proposições recomendadas desvelam múltiplas facetas de diálogo entre cinema, esporte e educação a partir de abordagens críticas, pedagógicas, estéticas, históricas que se tornam imperativas para uma formação de professores sintonizada com o avanço de novas tecnologias e discursos circulantes no âmbito escolar, em particular, e na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 33, p. 1-28, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v33/1982-6621-edur-33-e153836.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2021.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de. **Elementos do pós-moderno na representação do esporte no cinema contemporâneo**. 2012. 151 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10542>. Acesso em: 13 abr. 2024.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de; BATISTA, Alison Pereira; OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas de. (org.). **Vamos pensar as mídias na escola?** Educação física, movimento, tecnologia. Natal: EDUFRN, 2016.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Esporte e cinema: possibilidades pedagógicas para a Educação Física Escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 3, n. 2, p. 68-67, 2012. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1849>. Acesso em: 10 jul. 2021.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; ZOBOLI, Fabio; MEZZAROBIA, Cristiano; SANTOS, Maria Edivania Alves dos. Pensadores sociais e o esporte no cinema: ações acadêmicas nos enfrentamentos do autoritarismo contemporâneo. **A Barca**, v. 1, n. 1, p. 134-153, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/abarca/article/view/58473/34837>. Acesso em: 6 abr. 2024.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosália; ALEGRIA, João. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, p. 59-80, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6687/4000>. Acesso em: 6 jan. 2021.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FANTIN, Monica. **Mídia-Educação**: conceitos, experiências, diálogo Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FANTIN, Monica. Dos consumos culturais aos usos das mídias e tecnologias na prática docente. **Motrivivência**, [S. l.], n. 34, p. 12–24, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17118>. Acesso em: 13 abr. 2024.

FERRI, Cássia. **Produção acadêmico-científica**: a pesquisa e o ensaio. Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, 2011. Disponível em: <https://www.univali.br/Style%20Library/Univali2013/custom/biblioteca-2023/files/producao-academico-cientifica-a-pesquisa-e-o-ensaio.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 93–102, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Hyw7s8nb3jLKrwgbgfS4c3J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 fev. 2024.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FRANÇA, Humberto Santana; DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Esporte e cinema na escola: uma experiência no ensino médio do colégio de aplicação/UFS. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 12, n. 31, p. 357–374, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/12214>. Acesso em: 15 maio. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022b.

GOMES, Wilson. La poética del cine y la cuestión del metodo en el análisis fílmico. **Revista Significação (UTP)**, Curitiba, v. 21, n. 1, p. 85-106, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65584>. Acesso em: 3 abr. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, [S. l.] v. 36, n. 2, p. 505-519, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/16944>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MELO, Victor Andrade. **Cinema & esporte: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

MEZZAROBBA, Cristiano. Reflexões sobre a formação de professores, práticas midiáticas e mediações educativas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 8, n. 17, p. 191-208, 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4523>. Acesso em: 10 maio 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA, Mirian Cristina Vidal da; BEZERRA, Franklin Eduardo Oliveira Amaral; FRAGOSO, Paulo Alan Deslandes; DUARTE, André Luís Faria. Memórias afetivas da infância e seu impacto na formação do turista. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo**. v. 16, n. 2, p. 38-60, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/ReAT/article/view/1774/1340>. Acesso em: 5 maio 2024.

RUBIO, Kátia. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 86-91, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/96YXnWhMWF7BtjF96VZHzVD/>. Acesso em: 6 de jul. 2024.

SANCHES, Simone Meyer; RUBIO, Kátia. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 825-841, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/r6k3NtLmXDhwcRrDLcvWnwq/#>. Acesso em: 6 maio 2024.

SANTOS, José Douglas Alves dos; FANTIN, Monica. Com quantos filmes se fala da criança? A pluralidade representacional da infância no cinema. **Educação e Pesquisa**, v. 49, p. e262397, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/jFqtWHLykwKFTvfYG5B9Swp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SANTOS, Maria Edivania Alves dos; DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; MEZZAROBBA, Cristiano; SANTOS, Rodrigo de Souza. Juventude em formação: cinema/filme nas aulas de educação física. **CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 35, p. 31-55, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/37435>. Acesso em: 6 fev. 2024.

SILVA, Maria Lúcia; RUBIO, Kátia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 3, n. 3, p. 69-76, 2003. Disponível em: https://rpcd.fade.up.pt/arquivo/artigos_soltos/vol.3_nr.3/LSilva.pdf. Acesso em: 6 fev. 2024.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Gênero, educação física escolar e pedagogia do esporte: construindo processos educativos empoderadores. In: WENETZ, I.; ATHAYDE, L.L. (org.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. v. 6. Natal: EDUFRRN, 2020. p. 47-61. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/29067>. Acesso em: 6 maio 2024.

STEINBERG, Shirley R., KINCHELOE, Joel L. (org.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TINÔCO, Rafael de Gois. Cinema e esportes: da ficção à realidade escolar. In: ARAÚJO, Allyson Carvalho de; BATISTA, Alison Pereira; RIBAS, Márcio Romeu (org.). **Vamos pensar as mídias na escola?** Educação física, movimento, tecnologia. Natal: EDUFRRN, 2016. p. 31-45.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS – Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria considera não haver conflitos de interesses.

Obs.: Este texto é fruto de pesquisas realizadas pelo Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior, para construção do planejamento da disciplina “Tópicos Especiais em Educação Física”, no Departamento de Educação Física da UFS.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR ASSOCIADO DA SEÇÃO TEMÁTICA

Alison Pereira Batista

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 23.05.2024

Aprovado em: 23.07.2024